

Sarney recebe vaia de populares na Bahia

Salvador — Ao contrário da visita que fez à Bahia no ano passado, logo após a decretação do Plano Cruzado, o presidente José Sarney desembarcou ontem nesta capital sob forte esquema de segurança, que revelou preocupação com hostilidades que terminaram acontecendo no Largo do Pelourinho. Ali, operários demitidos do pólo petroquímico e funcionários da Fundação Cultural do Estado que estão com salários atrasados, promoveram uma manifestação com adesão de populares e de turistas, onde a frase mais ouvida em coro foi «o povo não esquece, Sarney é PDS».

Já no aeroporto, muitas viaturas da tropa de choque da polícia militar com homens fortemente armados, além de soldados da Aeronáutica, davam o tom do rigor da segurança que cercava o presidente Sarney. Ele demorou cerca de 20 minutos no salão vip conversando e recebeu poucas palmas quando se dirigiu ao microônibus com destino ao hospital de irmã Dulce, onde também foi aplaudido. Mas no Pelourinho o clima mudou e as vaia tomaram conta do ambien-

te na chegada da numerosa comitiva presidencial.

Apesar da manifestação de hostilidade contra o presidente José Sarney e alguns dos seus ministros, sendo citado nominalmente Jorge Bornhausen, não houve repressão policial. Soldados da tropa de choque da PM que a partir das 9 horas passaram a controlar o acesso das pessoas ao Largo do Pelourinho, chegaram a ostentar escopetas e bombas de gás lacrimogêneo quando começaram as vaia na chegada e na saída do presidente da República ao Pelourinho, mas ninguém foi preso ou agredido. Manifestantes, populares e turistas chegaram a seguir a comitiva até o Terreiro de Jesus, onde muita gente se concentrou para ver pessoalmente o presidente José Sarney.

Os 171 operários demitidos do pólo petroquímico de Camaçari em consequência da greve que realizaram em setembro de 1985 se dividiram em grupos no aeroporto e no Largo do Pelourinho para protestar «contra a ilegalidade das demissões». Eles já tiveram até audiência com o presidente da República, mas até

hoje não conseguiram ser readmitidos. No aeroporto a manifestação foi tranqüila, apenas com faixas estendidas, mas no Pelourinho, além das faixas, eles passaram às vaia e às frases de efeito, no que foram seguidos pelos moradores da área e pelos turistas que visitavam aquele que é um dos pontos de maior atração turística da cidade.

Já os funcionários da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que também se concentraram próximo à Fundação Casa de Jorge Amado ostentando faixas, entre elas uma que denunciava que «o governo estadual gasta com festas mas não paga aos trabalhadores», distribuíram fartamente aos integrantes da comitiva presidencial uma «carta aberta à população». Segundo essa carta, a cultura baiana vive «uma situação caótica» em consequência de uma política de favorecimento de grupos, o que impede a expressão das verdadeiras manifestações culturais do povo. Além disso, a carta denuncia que os funcionários da Fundação Cultural não foram devidamente valorizados no que diz respeito aos salários e às condições de trabalho.



O escritor Jorge Amado, ao lado do presidente Sarney, ficou sempre sério e pouco conversou

PMDB faz boicote discreto à visita

Salvador — O boicote dissimulado das bancadas do PMDB da Bahia, à visita do presidente da República para inaugurar, ontem, a Fundação Casa de Jorge Amado, resultou num reduzido comparecimento de parlamentares ao desembarque de Sarney no Aeroporto Internacional 2 de Julho, mas o caráter «estritamente cultural» que ele atribuiu à viagem e as providências que anunciou na véspera, em Sergipe, relacionadas com a seca, amenizaram as reações e evitaram manifestações mais ostensivas de hostilidade política.

Na chegada, este era o sentimento predominante entre os políticos, que interpretavam como uma estratégia do presidente dirigida para a crise baiana o anúncio dessas medidas na sexta-feira. Retirar toda conotação política da viagem foi a outra parte da estratégia. Para caracterizar isto, Sarney telefonou ao governador eleito Waldir Pires (PMDB), explicando o objetivo cultural e pessoal da visita (é amigo e colega de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras).

A preocupação do Palácio do Planalto com as reações surgidas no PMDB baiano em relação a uma viagem que o partido via como um ato de prestígio para o governo estadual do PFL que es-

tá em fim de mandato se manifestou em outras atitudes do presidente Sarney. Às 17 horas de sexta-feira, um membro do grupo precursor transmitiu à secretária de Jorge Amado, dona Ieda, um «pedido pessoal» de Sarney para o escritor não fazer qualquer abordagem política no discurso de inauguração da Fundação.

Antes, havia decidido cancelar uma audiência com os membros da Assembléia Legislativa e representantes das classes produtoras, numa atitude que gerou insatisfação entre os deputados estaduais — iam falar de seca, racionamento de energia e juros — mas fixou a linha de uma visita meramente cultural.

Apesar do boicote parlamentar à visita presidencial não haver sido formalmente declarado e de estarem os parlamentares liberados para participar ou não da programação, dos três senadores do PMDB só compareceu Luiz Viana Filho, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, como Sarney e Jorge Amado, dos quais é amigo. Dos 22 deputados federais do PMDB, somente seis estiveram na chegada do presidente — incluindo o líder do governo, Carlos Santana e o deputado Prisco Viana, amigo pessoal de Sarney, além do presidente regional do partido, Genebaldo Corrêa, que

comentou estar presente para cumprir uma exigência formal. Dos 31 deputados estaduais do PMDB, somente cinco compareceram — entre eles, dois que afirmaram estar cumprindo as mesmas exigências formais, o presidente da Assembléia Legislativa e o líder da bancada estadual.

Mas o PMDB, que reclama do fato de que o governo federal não levou até agora em conta os resultados das eleições de novembro na Bahia e mantém as posições do PFL no estado, apesar da grande derrota deste partido, esteve também representado pelo governador eleito Waldir Pires, que evitou envolver-se na polêmica sobre o boicote, considerando-o «um problema setorial», pela ministro da Saúde, Roberto Santos e pelo presidente de honra da seção regional, economista Romulo Almeida.

O líder do governo, deputado Carlos Santana, admitiu no aeroporto que «há uma crise econômica e financeira» no país, mas politicamente o presidente Sarney «está trabalhando pela unidade e fortalecimento da aliança democrática». Ressalvou, entretanto, sobre esta aliança, que na Bahia «existem peculiaridades que devem ser respeitadas democraticamente».

Solenidade ocorre em clima tenso

Salvador — Enquanto lá fora, nas ruas do conjunto colonial do Pelourinho o povo fazia manifestações de protesto contra o presidente Sarney e o ministro Antônio Carlos Magalhães, no interior da Fundação Casa de Jorge Amado a solenidade de inauguração se desenvolvia em clima de certa tensão mas de tranquilidade, onde as divergências políticas eram aparentemente deixadas de lado.

O presidente José Sarney, acompanhado sempre de sua esposa, D. Marly, fez questão de ter ao seu lado o escritor Jorge Amado e, do outro, o governador eleito Waldir Pires. Mas o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, postou-se sempre atrás deste, enquanto o outro ministro baiano, Roberto Santos, da Saúde, ficou numa segunda fila.

Entre tantas visitas ilustres atraídas pela inauguração da Fundação Casa de Jorge Amado, destaca para o poeta russo Levgueni Ievtchenko, mais conhecido no Brasil por sua «Autobiografia Precoce». Na solenidade, Ievtchenko compareceu com terno grená, mesma cor da gravata do homenageado. Este, preferiu um terno branco, mas nem na solenidade dispensou a sua já surrada tira-colo de couro sobre o paletó».

A solenidade começou pouco antes das 11 horas, com o presidente José Sarney testemunhando uma das demonstrações mais evidentes do sincretismo religioso que caracteriza a Bahia: o ex-abade do Mosteiro de São Bento, Dom Timóteo Amoroso Anastácio, oficiou a bênção



Não houve violência, mas o esquema de segurança era forte

católica, logo em seguida a uma limpeza de casa feita pelo babalaô Luiz da Muriçoca, do terreiro de Candomblé Ile Axé Ibá Ogum. Este soltou uma pomba para o lado de fora, mas ela preferiu voltar e permeneceu todo o tempo que durou o ato dentro da Casa de Jorge Amado.

Taciturno sempre, o homenageado Jorge Amado preferiu não dar uma palavra sequer durante toda a solenidade de inauguração. Não quis sequer dar entrevista à saída do prédio abrigar de quatro andares que se abriga a fundação. Sabe-se apenas que o grupo precursor da Presidência da República transmitiu-lhe um recado do presidente Sarney. Não gostaria de ouvir discurso político na inauguração.

Discursos só do presidente da República e do presidente da Fundação Casa de Jorge Amado,

professor Germano Tabacoff, reitor da Universidade Federal da Bahia. Tabacoff frisou que «neste Brasil, com tanta desigualdade social econômica, com tantas variáveis regionais e étnicas, criou-se uma tendência persistente de alguns grupos sociais, de se apropriar da identidade cultural da nação».

O presidente da Fundação salientou que a identidade cultural só será autônoma e forte quando representar a complexidade e a diversidade cultural do país: social, regional, étnica, etc. «Quanto mais complexa, mais forte», disse Tabacoff. Garantiu que a Casa de Jorge Amado, além de fórum permanente de debates sobre a cultura baiana e brasileira, será palco de discussão pela superação das discriminações sócio-econômicas e étnicas.